

Mais sobre perplexidades do que sobre certezas

Experiências e sentidos de alunos concluintes e egressos do curso de Pedagogia da UFPE

Aline Jessica da Silva¹
Marcella Cristiana de Vasconcelos Moreira²
Ana Márcia Luna Monteiro³

Resumo

Este artigo busca refletir sobre o Curso de Pedagogia da UFPE, partindo da perspectiva que pensa a educação a partir do par experiência-sentido (BONDÍA 2002). Fazemos uma discussão introdutória sobre o que é pensar educação a partir dos pares ciência e técnica e teoria e prática; trazemos a reflexão sobre o que é pensar a educação a partir de outra perspectiva, de acordo com Bondía (2002), além de contribuições teóricas de outros autores sobre o tema proposto; por fim tecemos um diálogo sobre a relação experiência-sentido a partir do autor fonte de nossa inspiração. Optamos pela pesquisa qualitativa por possuir raiz na etnografia. Entrevistamos três alunos concluintes e três alunos egressos do Curso de Pedagogia da UFPE. Descrevemos as entrevistas que resultaram em narrativas pessoais das experiências vividas por cada sujeito dentro do curso. Com essa pesquisa propomos uma reflexão sobre o uso do par experiência-sentido no campo pedagógico.

Palavras-Chave: Experiência-Sentido, Educação, Curso de Pedagogia.

1 Introdução: *Pra começo de conversa*

Segundo Bondía (2002), “Costuma-se pensar a educação do ponto de vista da relação entre ciência e técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática”. O que pretendemos aqui, inspiradas na perspectiva apresentada pelo autor acima mencionado, é pensar a educação a partir do par experiência-sentido. Isso supõe levar em consideração experiências que nos afetam, que nos tiram da nossa zona de conforto, que nos incomodam de maneira positiva ou negativa, que nos impulsionam para uma reflexão crítica sobre nós mesmos, sobre o outro e sobre o modo como nos relacionamos e como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece. Bondía (2002) argumenta que "A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permitem apropriar-nos de nossa própria vida". A partir das reflexões expostas, brevemente acima, escolhemos o tema proposto para o nosso trabalho.

O interesse pela pesquisa surgiu quando terminamos de cursar a disciplina de Processos Interativos, ofertada dentro da grade curricular do 8º período da graduação em Pedagogia, pela UFPE. Esta disciplina nos tocou bastante e nos fez viver experiências únicas que deram novo sentido a nossa maneira de olhar para o curso de Pedagogia, para nós mesmos e para o outro, refletindo diretamente no

¹ Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. alinejessica@hotmail.com

² Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. marcella.cvm@hotmail.com

³ Professora do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, tendo sido orientadora dos autores deste artigo. anamarcialuna@hotmail.com

nosso modo de nos relacionarmos com as pessoas, nos diversos locais em que estamos inseridas na sociedade, mas, principalmente, no modo de entender nosso processo formativo.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (BONDIA, 2002, p. 21).

Toda essa vivência despertou o desejo de conhecer como outros estudantes do curso de Pedagogia da UFPE *experienciam* o curso, que sentidos constroem e como se sentem afetados ou não, pelas experiências vividas durante sua formação inicial. Quais dessas experiências realmente os fizeram sair do lugar e despertarem um novo sentido, tanto para sua vida acadêmica/profissional quanto para sua vida pessoal.

Portanto, o nosso objetivo foi conhecer o que pensam os alunos do curso de pedagogia da UFPE sobre a educação, de um ponto de vista que difere das relações ciência e técnica ou teoria e prática; conhecer quais experiências inibidoras e potencializadoras mais os afetaram durante a graduação e aquilo que deu ou dá sentido à sua formação.

2 Referencial Teórico: *Ou nossas fontes de inspiração*

Educação como ciência e técnica ou como teoria e prática

“Tudo isso é suficientemente conhecido, posto que nas últimas décadas o campo pedagógico tem estado cindido entre os chamados tecnólogos e os chamados críticos...O que vou propor aqui é a exploração de outra possibilidade, digamos mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista).”

(Jorge Larrosa Bondía)

Historicamente, tem-se costumado pensar a educação a partir de dois pontos de vista. O primeiro diz respeito à relação entre ciência e técnica numa perspectiva positiva e “retificadora”, a educação sendo vista como uma ciência aplicada. E o segundo refere-se à relação teoria e prática numa perspectiva política e crítica, a educação é vista como práxis reflexiva (BONDÍA, 2002).

Retomando, brevemente, a origem dessas perspectivas, observamos que a educação grega, por exemplo, carrega traços duplos e opostos sobre a teoria e a prática. A educação dos mais privilegiados iria em direção à teoria, por ser considerada nobre, e serviria para pensar, compreender e comandar. Para a classe desfavorecida ficaria a tarefa de fazer e construir, pois:

Ali estão *normas de trabalho* que, quando reproduzidas como um saber que se ensina para que se faça, os gregos acabaram chamando de *tecne* e que, nas suas formas mais rústicas e menos enobrecidas, ficam relegadas aos trabalhadores manuais, livres ou escravos. Ali estão *normas de vida* que, quando produzidas como um saber que se ensina para que se viva e seja um tipo de homem livre e, se possível, nobre, os gregos acabaram chamando de *teoria* [grifos do autor] (BRANDÃO, 2007, p. 37).

Podemos observar, portanto, que esta é uma distinção que se coloca desde há muito tempo, mas que ainda reverbera no pensamento atual sobre educação. Quando situamos este debate mais especificamente no âmbito da pedagogia o quadro é bem semelhante. De acordo com Franco (2002), a pedagogia, historicamente, vem sendo teorizada por diferentes óticas científicas e exposta a um confronto epistemológico que está na base da questão: “Somos partidários de uma concepção da pedagogia como ciência aplicada ou a concebemos como práxis política?” (FRANCO, 2002, p. 6).

No cerne desta interrogação está a distinção mencionada: as pessoas que trabalham em educação são concebidas como sujeitos críticos que por sua consciência histórica comprometem-se com práticas educativas idealizadas sob uma perspectiva política ou, são concebidas como técnicos que aplicam com maior ou menor eficiência tecnologias pedagógicas concebidas por técnicos/especialistas/pesquisadores de outras áreas? (FRANCO, 2002).

O que nos instiga a tratar sobre o assunto de modo distinto é a necessidade de dizer ou pensar o que algumas palavras, usadas até então, não nos permitiram dizer e pensar sobre a educação, não nos permitiram refletir sobre outras concepções de educação, não nos permitiram pensar novos olhares e sentidos, a partir da consideração do par experiência-sentido. Para nós, educadores, a conversação é uma ferramenta insubstituível e se, conforme anuncia Bondía (2002), somos feitos de palavras, se o homem é um vivente com palavra, porque não brincar de usar outras palavras, como experiências que nos ajudem a estimular novos questionamentos sobre o campo educacional?

A partir dos questionamentos propostos e do jogo de novas palavras lançadas, pronunciadas pelo professor, ele possibilita novos momentos de reflexão, a partir dos quais os alunos podem começar a perceber outros modos de pensar sobre si, sobre os outros e sobre suas concepções, superar algum tipo de conflito existente, questionar, afinar a sua criticidade, de um modo que não apenas eduque para que atuem no campo profissional, mas que eduque também para a vida, uma vez que:

A educação sempre tem a ver com uma vida que está mais além da nossa própria vida, com um tempo que está mais além do nosso próprio tempo, com um mundo que está mais além do nosso próprio mundo... e como não gostamos desta vida, nem deste tempo, nem deste mundo, queríamos que os novos, os que vêm à vida, ao tempo e ao mundo, os que recebem de nós a vida, o tempo e o mundo, os que viverão uma vida que não será a nossa e em um tempo que não será o nosso e em um mundo que não será o nosso, porém uma vida, um tempo e um mundo que, de alguma maneira, nós lhe damos...queríamos que os novos pudessem viver uma vida digna, um tempo digno, um mundo em que não dê vergonha de viver. (BONDÍA, 2014, p.36)

Por tudo isso, por essa necessidade de novos modos de dizer e de pensar, decidimos fazer este exercício arriscado de pensar a educação e, principalmente, o curso de pedagogia, baseadas na reflexão e assumindo os riscos propostos por Bondía.

Educação a partir da perspectiva experiência e sentido

“E se as experiências não são elaboradas, se não adquirem um sentido, seja ele qual for, com relação à própria vida, não podem se chamar, estritamente, experiências. E, portanto, não podem existir.”

(Jorge Larrosa Bondía)

Pensemos acerca de tudo que sabemos e como aprendemos, sobre toda a sabedoria acumulada que possuímos através de múltiplas vivências. Segundo Brandão (2007) “tudo que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de trocas entre pessoas, com o corpo, com a consciência, com o corpo-e-a-consciência. As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui” (p.18).

O que queremos, então, é *experienciar* outra possibilidade de falar, escutar, ler, escrever e pensar a educação. Nem melhor, nem pior, apenas diferente. Estamos decididas a esta *ex-posição* a que nos convida o autor. Este exercício complexo e arriscado, porém muito enriquecedor: o de pensar a educação a partir do par *experiência-sentido*.

O autor inicia sua reflexão com um jogo de palavras, a partir da convicção que as palavras têm força e poder e de que, da mesma forma que fazemos coisas com as palavras, as palavras fazem coisas conosco. São produtoras de sentido, criadoras de realidades e funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Pensar não é apenas raciocinar ou calcular ou argumentar, mas, principalmente, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. Isto é, o sentido ou sem-sentido tem a ver com palavras, logo o homem é palavra, pois as palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras (Bondía, 2002).

Existem quatro fatores que, segundo Bondía (2002), anulam as possibilidades de experiência tornando-a cada vez mais rara: o excesso de informação, o excesso de opinião, a falta de tempo e o excesso de trabalho.

O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz do silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. (BONDÍA. 2002, p. 23)

E na escola e na universidade os sujeitos recebem diariamente uma tempestade de estímulos. Sofrem com os currículos volumosos que fazem com que se sintam sufocados, com a grande quantidade

de matérias a serem estudadas num curto espaço de tempo, e que na maioria das vezes, não permite que o estudante se aproprie profundamente dos textos e dos temas propostos, tornando-o assim incapaz da memória. Como afirma Bondía “E na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece.” (2002, p. 23).

A experiência se torna cada vez mais rara, pois o indivíduo moderno busca em todo tempo adequar-se ao mundo social, natural e humano, de forma a seguir num ativismo voraz, desejando sempre em fazer algo, não parar nunca, sempre acelerado, tudo passa ao seu redor, mas nada produz sentido.

[...] todavia, hoje sabemos que para efetuar a destruição da experiência não se necessita, em absoluto, de uma catástrofe e que para isso basta perfeitamente a pacífica existência cotidiana numa grande cidade. Pois a jornada do homem contemporâneo já quase não contém nada que ainda possa se traduzir em experiência: nem a leitura do jornal, tão rica em notícias que o contemplam a partir de uma intransponível distância, nem os minutos passados ao volante de um carro em um congestionamento; também não a viagem aos infernos nos trens do subterrâneo, nem a manifestação que de improviso bloqueia a rua, nem a névoa dos gases lacrimogêneos que se dissipa lentamente entre os edifícios do centro, nem sequer os breves disparos de um revólver retumbando em alguma parte; tampouco a fila em frente às janelas de um escritório, ou a visita ao paraíso do supermercado, nem os momentos eternos de muda promiscuidade com desconhecidos no elevador ou no ônibus. O homem moderno volta à noite para a sua casa extenuado por uma imensidade de acontecimentos – divertidos ou tediosos, insólitos ou comuns, atozes ou prazerosos – sem que nenhum deles se tenha convertido em experiência. (AGAMBEN, 2005, p. 441)

Noções de experiência

“Também a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo.” (Jorge Larrosa Bondía)

Diferentes autores ao longo da história do pensamento ocidental têm tratado sobre o tema experiência. Trata-se de uma noção complexa e talvez uma das mais difíceis de operar dentro do campo filosófico. Entre os autores que a discutem podemos mencionar Adorno, 1996; Benjamin, 2012; Dewey, 2010; Heidegger, 1987.

John Dewey (1959b), por exemplo, concebe a experiência como uma ação em potencial, reflexivamente realizada e gerenciada pelo indivíduo da ação, a partir de seu esforço consciente e voluntário, isso requer uma atividade mental que atinge a dimensão de inquietude, de investigação, de movimento, de não conformidade, com caráter emancipatório e educativo.

O termo experiência pode interpretar-se seja como referência à atitude empírica, seja como referência à atitude experimental. A experiência não é coisa rígida e fechada; é viva e, portanto, cresce. Quando dominada pelo passado, pelo costume, pela rotina, opõe, frequentemente, ao que é razoável, ao que é pensado. A experiência inclui, porém, ainda a reflexão, que nos liberta da influência cerceante dos sentidos, dos apetites da tradição. Assim, torna-se capaz de acolher e assimilar tudo o que o pensamento mais exato e penetrante descobre. De fato, a tarefa da educação poderia ser definida como emancipação e alargamento da experiência. A educação toma o indivíduo enquanto relativamente plástico, antes que experiências isoladas o tenham cristalizado a ponto de torná-lo irremediavelmente empírico em seus hábitos mentais. (DEWEY, 1959a, p.199)

Heidegger (1987), nos fala de experiência a partir das ideias de exposição receptividade, padecimento, abertura, assim como das dimensões de travessia e perigo:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (p. 143)

Façamos, agora, um breve passeio, com Olgária Matos (2009), pela etimologia da palavra experiência e aprendamos um pouco aquilo que a própria palavra nos ensina.

Etimologicamente, para experiência, a palavra que Walter Benjamin usa é *Erfahrung*. O seu radical é “*fahr*” que significa viajar. No antigo alemão, “*fahr*” é atravessar uma região, durante uma viagem, por lugares desconhecidos. E a palavra latina para experiência tem como radical “*per*” (experiência): sair de um perímetro, sair da condição do já conhecido, do já vivido, para ampliar vivências, acontecimentos e repercussões desses acontecimentos novos nas nossas vidas. E, de “*per*”, também vem a palavra *periculum*: atravessar uma região, durante uma viagem, onde perigos podem nos assaltar. E, para esses perigos, há a palavra que se associa a *periculum*, que é *oportunus* – originada de *portus*, que quer dizer saída. Então, as experiências que nos acontecem durante uma travessia no desconhecido, numa viagem, são experiências que alargam nossa identidade, nosso conhecimento, nossa sensibilidade, nossa condição no mundo. (MATOS, 2009).

Portanto, a experiência se relaciona com a ideia de perigo e travessia, mas também com a ideia de encontro ou de uma relação com algo que se *experientia*. Por isso, Bondía (2002) nos fala do sujeito da experiência como um ser fascinante que se *ex-põe* atravessando um espaço indeterminado e perigoso, que põe a si mesmo à prova e que busca, nesse espaço indeterminado e perigoso, sua oportunidade. Para o autor a experiência se apresenta como algo singular, produzindo diferença, heterogeneidade e pluralidade, tendo uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida em antecipar os resultados, uma abertura para o desconhecido. Mas tudo isso supõe gestos, modos, maneiras, quase impossíveis para o sujeito da contemporaneidade.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, e escutar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA. 2002, p. 24).

Para Bondía (2002) o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana, é a resposta do indivíduo ao que lhe acontece ao longo da vida. Não se trata da verdade das coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, por isso o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal.

Preocupado com a sonoridade que a palavra experiência possa assumir, preocupado em não normatizá-la, não trivializá-la, não fazer dela uma moda, um fetiche ou imperativo, Bondía (2014) apresenta seis precauções que precisamos tomar com o uso da palavra. A primeira delas seria separar experiência de experimento, desconectando-a das conotações empíricas e experimentais. A segunda precaução apoia-se em tirar da experiência todo dogmatismo, toda pretensão de autoridade, pois se trata de que ninguém deve aceitar a experiência do outro e de que ninguém possa impor, autoritariamente, a própria experiência ao outro. A terceira precaução é separar a experiência da prática, pensar a experiência não a partir da ação, do ativismo, e sim da paixão, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo do ponto de vista da paixão. Como quarta precaução, deve-se evitar fazer da experiência um conceito, pois sendo um modo de habitar o mundo de um ser que existe - e a existência, como a vida - não pode ser conceituada, porque sempre escapa qualquer determinação. O autor prefere tratá-la como uma palavra e não determiná-la como conceito, porque os conceitos determinam o real e as palavras abrem o real. A quinta precaução seria evitar fazer da experiência um fetiche ou um imperativo, como, por exemplo, o signo zodiacal, a identidade profissional, a cultura, a ideia de homem, a vocação que dizem que temos, embora não saibamos, essas coisas que nos dizem que deveríamos ter mesmo que nunca tenhamos sentido a necessidade e que nos dizem que temos que aprender a buscar a reconhecer e a elaborar. A última precaução trata de fazer a palavra experiência uma palavra afiada, uma palavra difícil de utilizar, para evitar que seja neutralizada e desativada, por isso, o autor conclui afirmando que o que tentou fazer em seus escritos foi dizer o que não é experiência, para deixá-la livre e solta, mais vazia e o mais independente possível.

Talvez, por tudo isso, o autor pareça tão preocupado em dignificar e reivindicar a experiência. Em dignificar e reivindicar tudo aquilo que a filosofia e a ciência, tradicionalmente, menosprezaram e rechaçaram e continuam a fazê-lo: a incerteza, a provisoriedade, a fugacidade, a subjetividade, a finitude, a vida...

3 Metodologia: *Ou os caminhos para chegar aos sujeitos da experiência*

A pesquisa qualitativa tem por raiz a etnografia e sua prática desenvolvida por antropólogos e por sociólogos em pesquisas sobre a vida em comunidades. Na educação, esse tipo de pesquisa surge a *posteriori*, pois tem como característica também investigar fenômenos sociais. Em nossa pesquisa utilizamos a pesquisa qualitativa, pois,

A pesquisa qualitativa com o apoio teórico na fenomenologia é essencialmente descritiva. E como as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o ambiente lhes outorga [...] desta maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de fenômenos num contexto. (TRIVIÑOS. 1987, p.128)

De modo a possibilitar as narrativas dos sujeitos utilizamos a entrevista semi-estruturada. Segundo Triviños (1987), este tipo de recurso metodológico auxilia não apenas em descrever os fenômenos sociais, mas enxergá-lo em sua totalidade. Para Lüdke e André (1986), este tipo de entrevista se desenrola a partir de um esquema básico, mas que permite que o entrevistador faça adaptações sempre que necessário e permite ao entrevistado responder de forma mais espontânea e subjetiva.

Convidamos para participar de nosso estudo estudantes que já possuíam uma leitura sobre o tema e fizemos o primeiro contato por e-mail, já os informando sobre o conteúdo do trabalho e, posteriormente, à medida que foram aceitando o convite, fomos marcando os dias e horários das entrevistas de acordo com a disponibilidade de cada um. As entrevistas foram realizadas individualmente na sala da professora orientadora e na sala de reunião do Departamento de Psicologia e Orientação Educacional - DPOE, pois tivemos o cuidado de selecionar um local calmo, sem interferências externas onde o entrevistado pudesse ficar a vontade para responder as questões propostas, com o mínimo de interferência possível, inclusive a nossa, pois permanecemos ouvintes e falando apenas no início da entrevista para auxiliar a traçar o perfil do entrevistado e na tentativa de deixá-los menos tensos. Pedimos autorização para gravar o áudio das entrevistas e informamos que os nomes verdadeiros seriam modificados, com o objetivo de preservar suas identidades. Elaboramos uma entrevista composta por três questões. Essas questões seguiam uma ordem pré-estabelecida, e eram entregues uma a uma, onde o próprio entrevistado lia as perguntas e ia narrando a sua resposta, a seu tempo, sem pressa. As questões foram apresentadas assim:

1- Larrosa, em seu texto “A experiência e suas linguagens” (2014), diz que:

... o par experiência/sentido permite pensar a educação a partir de outro ponto de vista, de outra maneira. Nem melhor, nem pior, de outra maneira. Talvez chamando a atenção sobre outros aspectos que outras palavras não permitem pensar, não permitem dizer, não permitem ver. Talvez configurando outras gramáticas e outros esquemas de pensamento. Talvez produzindo outros efeitos de verdade e outros efeitos de sentido.

Se, então, usarmos o par experiência/sentido como uma lupa que se coloca sobre o curso de Pedagogia da UFPE, o que ela lhe permitiria ver, pensar e dizer, que outras palavras pronunciadas até agora não puderam?

- 2- No mesmo texto “A experiência e suas linguagens”, comentando as ideias de um escritor húngaro, Imre Kertész, Larrosa pondera sobre a relação experiência e formação:

... a experiência é o que me acontece e que, ao me acontecer, me forma e me transforma, me constitui, me faz como sou, marca minha maneira de ser, configura minha pessoa e minha personalidade. Por isso, o sujeito da formação não é o sujeito da educação ou o sujeito da aprendizagem e sim o sujeito da experiência: a experiência é a que forma, a que nos faz como somos, a que transforma o que somos e o que converte em outra coisa.

Agora, próximo a terminar ou após terminado o curso de pedagogia, como lhe soam essas palavras, o que elas lhe dizem, como elas lhe afetam, que sentido ou sem-sentido fazem?

- 3- Ao longo de todo o seu curso de pedagogia, muito provavelmente você vivenciou experiências que poderiam levar ao menosprezo ou fragilização na percepção de si e experiências que permitiram o fortalecimento da autoestima e do autoconceito.

Pensando nisso, gostaríamos que você nos contasse sobre:

- ⁴Experiências inibidoras (aquelas que comportam certo grau de menosprezo na percepção de si) vividas em alguma cena pedagógica ao longo do curso de pedagogia.

- ⁵Experiências potencializadoras (aquelas que permitem o fortalecimento da autovalorização) vividas em alguma cena pedagógica ao longo do curso de pedagogia.

Essas questões foram aplicadas a três alunos concluintes e três egressos, do curso de pedagogia, por já possuírem uma vivência integral ou quase integral do curso e que tinham estudado sobre o tema em uma ou mais de uma disciplina. Isto possibilitou analisar sua formação desde o início até o presente momento. Em nossos resultados, fizemos um grande esforço para não corromper a própria noção de experiência que adotamos, por isso priorizamos a descrição das respostas. Segundo Wolcott (1994) a descrição é uma forma legítima de apresentação de resultados em uma pesquisa qualitativa e supõe que as respostas dos entrevistados sejam apresentadas da maneira o mais fiel possível. Nesse caso, o autor entende que as respostas dadas pelos sujeitos falam por si próprias. Estamos assumindo isso.

4 Resultados: *Ou sobre ler e escrever, falar e escutar*

“Sabemos que falar e escrever, escutar e ler, só são possíveis pela própria pessoa, com outros, mas pela própria pessoa, em primeira pessoa, em nome próprio; que sempre é alguém: o que fala, o que escuta, o que lê, o que escreve, o que pensa.”

⁴ DUHART, Olga Grau (2008), nos inspirou a partir do texto “Narrativas e Experiência” a denominarmos as experiências em inibidoras e potencializadoras.

⁵ Idem.

(Jorge Larrosa Bondía)

Nesse momento iremos apresentar as narrações dos nossos sujeitos da experiência. Gostaríamos de alertar para o fato de que, em nossa descrição de resultados o que buscamos não é uma língua de ninguém, neutra, formalizada, retraída, abstrata, sem sujeito, porque estamos assumindo com Bondía (2014) a necessidade de uma língua viva, concreta, subjetiva, pessoal, que nos permita viver no mundo, fazer (sofrer) a experiência e elaborar com outros o sentido (ou o sem sentido) daquilo que nos acontece. Estamos aceitando o convite de Bondía (2014) a pôr em jogo o nosso próprio ouvido e, por isso, nos *expondo*.

Queremos apresentar-lhes nossos *sujeito da experiência*:

Riobaldo

“Na voz o que está em jogo é o sujeito que fala... A voz é a marca da subjetividade na experiência.”

(Jorge Larossa Bondía)

Um jovem amável de apenas 20 anos, reside na zona norte de Recife, e cursou toda educação básica em escola pública, ingressando na universidade logo após o término do ensino médio. Cursa o oitavo período de pedagogia pela manhã, mas cursa outras disciplinas nos diversos turnos. Possui vínculos com a Universidade através da monitoria, além de participar de grupo de pesquisa. Ao revelar sua pretensão em seguir carreira docente na UFPE, fala de modo entusiasmado, mas afirma que antes de tornar-se docente universitário quer ter experiência na educação básica, como professor polivalente. Escolheu cursar pedagogia porque trabalhava com crianças na igreja que frequenta e gostava de ensinar.

Riobaldo é muito espontâneo, extrovertido e usa uma linguagem bastante envolvente para conversar conosco sobre o tema. Sem pressa, Riobaldo, lê e relê a questão com um sorriso largo nos lábios e nos fala sobre a grande satisfação que sente ao falar sobre este tema, que lhe cativa bastante, e começa nos contando assim: Usando o par experiência/sentido como uma lupa sobre o curso de Pedagogia da UFPE, o que ela me permitiria ver, pensar e dizer, que outras palavras pronunciadas até agora não puderam? *“... Eu olho o Centro de Educação a partir disso. Muito mais do que uma metodologia que a gente tende a pensar, inclusive é uma crítica de outros centros, que aqui em Pedagogia a gente tende a pensar mais na metodologia do conteúdo do que no conteúdo. Como ensinar mais do que o que ensinar. E não é nem como ensinar e o que ensinar pra mim, pra mim é muito do proporcionar. Pra mim, ao contrário do que se pensa no Centro de Educação, que é: eu vou emancipar meu aluno ou se pensa que eu vou levar um saber pra esse meu aluno, pra mim a ideia é de possibilitar mesmo. Pedagogia pra mim é dar o aberto, dar o nada, dar não, possibilitar o nada. E a gente não trabalha assim no Centro de Educação, a gente trabalha com conceitos prontos. Pra mim, educação*

nesse sentido aqui, é isso e é assim que eu enxergo. Isso, é claro, depois de enxergar que não é melhor, nem pior, é uma outra maneira de enxergar a educação...”

“A experiência é o que me acontece que, ao me acontecer, me forma e me transforma...” Próximo à conclusão do curso, o que as palavras lhe dizem, como lhe afetam e que sentido ou sem-sentido fazem. *“... Quando ele diz que a experiência é o que vai nos formar, por isso não somos o sujeito da aprendizagem, nem sujeitos da educação, mas da experiência, me soa que não necessariamente é esse modelo que vai conseguir ensinar e transformar a pessoa... É a experiência, é a formação e essa formação tá muito mais ligada a aspectos estéticos, como aquilo dos sentimentos e dos sentidos, do que a aspectos cognitivos quanto pensamento racionalizado que nós temos... Quando a gente se preocupa com outras coisas, quando não somente o conhecimento, mas com outras dimensões do ser humano, como as emoções, o corpo, a sensibilidade, os sentidos mesmo (olfato, tato, visão), a mente desse ser humano, quando a gente se preocupa do ponto de vista dessa formação humana... Tudo que nos proporcione essa formação completa, que tente pensar o ser humano, mesmo que seja o ser humano construído, o ser humano essencial, ele vai ter alguma coisa que nos proporcione uma experiência estética e é essa experiência estética que vai me transformar, porque a gente tá pensando no par experiência/sentido. Então, se não faz sentido pra mim é porque não foi experiência e se não foi experiência, não vai me transformar, se não vai me transformar não vai nem ser formação... Pra mim, experiência estética é um encontro, e educação é esse encontro. É você se encontrar com uma pessoa, ou com uma coisa ou com você mesmo, ou com o sentido, ou com a sensibilidade e de repente, você é totalmente transformado de uma maneira que você nunca foi antes. A raridade dessas experiências é que a gente não tem mais momentos de encontro. O excesso da informação que Larrosa diz, a falta de tempo e o excesso de opinião me impede, justamente, desse encontro. Sem tempo eu não tenho encontro, com muita opinião eu não tenho encontro, com essa velocidade de querer saber quem é o outro.... Eu acho que tem um pouco disso aqui dentro. ”*

Sobre as experiências inibidoras e potencializadoras vividas em diversas cenas pedagógicas ao longo do curso, Riobaldo não pestaneja e logo nos responde que teve sim, uma experiência inibidora, muito marcante na sua formação, e que por um bom tempo sofreu com isso *“... Eu acho que uma experiência inibidora foi logo no começo do curso, não lembro quem foi o professor, mas lembro que foi uma frase assim...sobre trabalhos acadêmicos né.. Fala do professor: “você tá dizendo muito de você mesmo, dizendo muito o que que você acha, cite. Se baseie. Você não é nada não. Você tem que se basear em autores.” Era uma coisinha mais ou menos assim... que a gente não tinha potencial pra afirmar nada. Tudo bem! Eu reconheço o papel da leitura e pesquisa na formação, acho importante isso tudo.... Mas acho que isso me inibiu muito durante os primeiros períodos... Muitas vezes é difícil achar experiências ruins, falar daquilo que o curso me faltou em algum momento, porque eu fui cercado de professores excelentes na minha formação.... De certa forma foram experiências potencializadoras.... Encontrar pessoas, pra mim, sempre foi transformador na minha vida. Meu percurso de vida foi muitas vezes transformado, redirecionado, recolocado, reorganizado diante de*

encontro com pessoas. Encontro com professores, na escola dominical na igreja, com uma amiga assistente social, com um amigo muito leitor, com uma professora que pensava o par experiência/sentido... Onde eu enxergo, na minha vida, as maiores experiências estéticas, daquilo que transpassa a gente pelos sentimentos e pelos sentidos, acho que foi aí, com pessoas. No curso de Pedagogia também, as experiências potencializadoras e inibidoras foram com pessoas.

Lizbela

“A experiência exige outra linguagem transpassada de paixão, capaz de anunciar singularmente o singular, de incorporar a incerteza.”

(Jorge Larrosa Bondía)

Lizbela, tem 24 anos, moradora da zona sul do Recife, estudou sempre em escola particular, cursa o 10º período no turno da manhã, não trabalhou fora da Universidade, apenas fez um estágio rápido em uma escola particular do Recife, de onde não tem boas recordações, cobra-se muito e não admite ter notas baixas e realizar provas finais. Começou a cursar arquitetura, mas não se identificou, abandonando o curso logo nos primeiros períodos. Com fortes influências na família, prestou vestibular para Pedagogia e se encontrou no curso. A estudante é envolvida com diversas atividades acadêmicas como monitoria e Pibic, pretende dar continuidade aos estudos com o mestrado e doutorado a fim de seguir carreira docente dentro da instituição.

Lizbela nos contou de forma muito emotiva, com sentimentos a flor da pele, com lágrimas nos olhos, sobre como pensa a questão do par experiência/sentido dentro do centro de educação e como foram os seus primeiros contatos com essa forma diferente de pensar a educação e também como essa relação afeta sua formação: *“Questão de experiência e sentido eu acho que ainda está muito aquém nesse ambiente acadêmico, eu diria que a proposta chegou um pouco, a de experiência e sentido, chegou a se fazer presente, primeiro na disciplina de Artes. E aí depois, na disciplina de processos interativos foi que eu consegui, de uma forma avassaladora, que me atingiu, que me transpassou, que me atingiu profundamente.... Então a partir disso, dessas disciplinas, eu comecei a enxergar a educação de uma outra maneira, de outra forma. A educação como sentir, deixar se afetar, no sentido que a educação só faz sentido, só é experiência quando te toca, quando te desperta alguma coisa, quando te afere, te deixa transparente. Alí eu era capaz de sentir profundamente cada coisa que acontecia, cada vivência, cada palavra, cada momento, cada afeto, cada coisa e aí eu percebi: isso, querendo ou não é educação! Isso é formação também! Formação humana, do humano, que vai além, muito além de textos, de metodologias, de conteúdos, tudo isso é de certa forma, mas é associado no par experiência/sentido, não é só no par ciência e técnica, teoria e prática, muito mais do que isso... tem sentido.”*

De forma bastante entusiasmada, numa conversa muito envolvente, Lizbela abriu o coração e nos contou sobre as suas experiências vividas dentro do Centro de Educação *“Que bom que eu pude vivenciar experiências aqui dentro, experiência no sentido de me atingir, porque acho que a forma da*

experiência se dá, talvez, mais crua, mais em pele, mais aficcionada, é num momento de tristeza, talvez. Quando você sente dor, quando você sente tristeza é quando você tá mais vulnerável, mais instável, quando você tá mais fragilizado, quando você tá triste, quando você tá sentindo uma dor, é quando você tá descoberto, você tá mais exposto. Então, a experiência também se dá através disso. E aí teve momentos aqui no curso de pedagogia que eu passei por algumas coisas que também me afetaram, então eu termino o curso, achando que a experiência, de fato, é isso tudo e eu pude viver, tanto positivamente quanto negativamente. Porque teve momentos que eu me senti (assim... em relações pessoais...) entre pessoas, entre colegas, teve momentos que eu me senti traída, fizeram uma coisa que eu não imaginava que uma pessoa que eu confiava tanto iria fazer isso. O que me causou tristeza, que me causou também uma dor. Eu acho que isso também é experiência, isso marcou também de certa forma a minha pessoa, o que me constitui, o que me faz como eu sou. Então a experiência nos faz como somos e nos transforma e nos converte em outra coisa, então a partir daquela dor que eu tava sentindo, aquela tristeza, isso de certa forma me abalou. Eu acho que isso foi uma experiência negativa, mas que eu consegui transformar de alguma forma para positiva. Foi um momento que eu fiquei, realmente, me sentindo magoada, mas aí eu tinha que continuar o curso, apesar de tudo, você sabe também que o curso é feito de seres humanos e pedagogia envolve seres humanos e a pessoa é constituída de emoções e sentimentos. A gente tem que continuar nessa caminhada apesar da dor, apesar da tristeza, apesar de tudo que acontece nas nossas vidas, exterior a esse Centro. E aí continuei, eu disse: eu vou, vou estudar, vou buscar forças, vou começar a me dedicar, a estudar, estudar, estudar e esquecer isso tudo que passou. Me fortaleceu, de certa forma, porque eu comecei a me concentrar mais nos estudos e buscar olhar um pouco pra mim, a minha personalidade, o meu eu.”

Iracema

“Na experiência sempre existe algo de “não sei o que dizer”. Tem a ver com o não poder, com o limite do poder.”

(Jorge Larrosa Bondía)

Iracema tem 32 anos, moradora do bairro do Janga e cursa o 10º período pela manhã. Estudou toda a sua educação básica em escola particular e escolheu cursar Pedagogia por que gostava de dar aulas de reforço para crianças. Fez estágio em escola pública no Recife durante dois anos e atualmente é bolsista e monitora na UFPE.

No primeiro momento, Iracema se mostra bastante tímida e insegura, mesmo tendo total domínio sobre o assunto abordado. Com uma fala muito tranquila e delicada, que deixa transparecer seus sentimentos mais profundos, ela nos conta como se dá o processo de refletir sobre a educação considerando o par experiência-sentido: *“Em Larrosa é aquilo que te toca, é aquilo que nos toca, é aquilo que nos afeciona! E as experiências que nós vivemos no curso, não é aquela experiência que te toca. É algo muito efêmero, muito passageiro, porque você tem que dar conta de um currículo muito extenso, você tem que dar conta de seis disciplinas por período, tem que ler vários textos.... Nós vivemos*

correndo, loucos, de um lado pro outro, acordando cedo, temos a faculdade, muitas vezes temos estágio que são distantes da faculdade, aí você nem almoça, já sai correndo. Chega em casa à noite, às vezes sete, oito horas pra fazer leituras e no outro dia recomeça a rotina e o professor chega na sala cobrando aquela leitura. Muitas vezes o professor não quer nem saber como foi o seu dia: como você está? Aconteceu alguma coisa em casa? Você tá bem? Ele quer chegar, não são todos, lógico, tem exceções, mas vou chegar, dar minha aula e pronto. Faça a sua parte. ”

Quanto ao uso da lupa, sobre o curso de Pedagogia, ela externa seu desejo de mudança “*Eu acho que ela permitiria ver que o currículo deveria ser repensado e a maneira de trabalhar de alguns professores também. Não querendo dizer que eles não possam aplicar uma prova ou que não possam aplicar um seminário, eles podem e devem, por que faz parte do sistema de avaliação, mas que eles pudessem fazer algo de uma forma diferente, não uma aula metódica, uma aula que nos fizesse refletir... Acho que o essencial precisa ser estudado, lógico. Você tá no curso de pedagogia, tem que saber o que é política, o que é planejamento, tem que saber o que é didática, precisa. Mas eu acho que o currículo deve ser repensado.*”

Iracema relembra um momento muito marcante de sua formação relacionado ao sentido e sem sentido com vivacidade “*A professora espalhou várias imagens no chão da sala e muitas me chamaram atenção, mas a que me chamou mais atenção foi a de um homem forte, musculoso, mas que naquele momento, ele estava caído, tombado. Ele é um sujeito caído, ele é um sujeito da experiência. Não é aquele sujeito que tá sempre em pé e que nada o dobra, duro de coração, que nada o curva. Não! Eu sou impetuoso, Eu sou! Ele tá dizendo alí, que ele é humano e que as coisas que se passam com ele o tocam e o fazem ficar “prostrado”, embora ele seja forte. A experiência é a que forma e a que nos faz como somos. Experiência enquanto formação humana, enquanto formação do homem... Uma vez, numa certa aula, uma outra professora usou o mesmo texto de Larrosa e ela disse que às vezes a gente tá no ônibus, com nossos fones de ouvido e nós não conseguimos sentir o vento no rosto (foi isso que eu entendi na aula) não vemos nem a pessoa que está do nosso lado. Colocamos o nosso fone, pegamos o lugar na janela, muitas vezes. A gente entra no ônibus, tem um monte de cadeira vazia e cada um no seu canto isolado. E alí você tá pensando um milhão de coisas e não tá refletindo nada: - Eu tenho que fazer o trabalho da faculdade! Eita! Eu tenho que ler o texto pra amanhã! Eu tenho que fazer um resumo! Eu tenho estágio! Você não consegue parar um momento, respirar, pegar um texto, um livro que você goste de ler e naquele momento fazer só aquilo... Então assim, o sujeito da formação não é o sujeito da educação ou o sujeito da aprendizagem e sim o sujeito da experiência. Da aprendizagem é o que tá sempre aprendendo, aprendendo, só recebendo informação, informação... é na internet, whatsapp, facebook, é tudo pra lhe informar, mas o sujeito da experiência é aquele que está sendo transformado, as coisas que acontecem, o transformam... Espero que as coisas dos meus alunos possam me tocar e que alguma coisa minha possa tocá-los, que possa haver afeto, possa haver interação, experiências que realmente valham a pena e no futuro eles possam dizer: eu tive uma professora assim, assim, assim... que disse isso e isso eu guardei por toda a minha vida.*”

Sobre as suas experiências potencializadoras e inibidoras, Iracema pestanejou um pouco e pensou por longos minutos para começar a contar sobre essas suas experiências, seus longos minutos de silêncio ecoaram bastante e revelaram muito mais coisas nas entrelinhas de sua narrativa, a partir desse silêncio ela começou nos falando assim: *“Uma coisa que me inibiu muito, até porque eu sou muito calada, eu não falo muito, só mais em casa, minha mãe diz: tu fala demais! Mas nos lugares eu sou muito na minha e foi quando uma colega disse pra mim que eu falava cantando. E aí eu disse: eu falo cantando? como eu falo cantando? E uma vez, uma outra pessoa, quando eu era criança, disse que eu falava com a língua pra fora. Aí juntou essa experiência, de quando eu era criança, com depois de adulta. Inibidora acredito que foi mais essa. Eu vivi experiências potencializadoras que permitem fortalecimento e valorização, eu acho que principalmente quando na primeira prova, daqui, eu tirei nota baixa e a segunda nota foi bem mais elevada e eu consegui passar nessa disciplina. Foi minha primeira experiência com prova aqui na UFPE, que eu fiquei tão nervosa, tão assim... com uma prova de nível acadêmico. Mas eu vivi experiências potencializadoras, daqui da UFPE, que permitiram minha autovalorização, que permitiram meu crescimento, mesmo que as pessoas não tenham chegado pra me pra dizer com palavras, mas eu sentia... tá entendendo? Aquele empurrão pra frente. Eu me lembro, em uma disciplina, que a professora dizia que todo mundo é capaz, que todo mundo pode chegar aonde quer.”*

Gabriela

“Necessitamos de uma língua que não rebaixe, que não diminua, que não construa posições de alto e baixo, de superior e inferior, de grande e pequeno.”
(Jorge Larrosa Bondía)

Gabriela tem 23 anos, moradora do bairro de Camaragibe, estudou sempre em escola particular, concluiu o curso de Pedagogia em 2014.2, dedicou-se em tempo integral à sua formação acadêmica, no turno matutino, mas transitava pelos outros turnos para adiantar algumas disciplinas, além de participar de grupos de pesquisa e monitoria. Ela não sabe ao certo o motivo de ter escolhido pedagogia, mas diz ter nascido pra isso e não se vê fazendo outra coisa, pois gosta de gente, de contato. Reconhece que teve muita influência da mãe, que também é pedagoga, e desenvolve um trabalho fantástico em movimentos sociais, que encanta seu coração desde criança e nem venha com essa história de dar aula em escola particular que Gabriela não enche os olhos não! Ela gosta mesmo daqueles lugares que ninguém quer ir, a escola pública lhe fascina e o que para muitos é motivo de frustração, pra ela é motivação.

Gabriela leu por longos minutos a primeira questão. Com sua linguagem poética e um sorriso aberto, que mostra traços de sua personalidade marcante, sua sensibilidade e o destemor de falar o que pensa, desafiou a pergunta que lhe foi feita sobre: Se usarmos o par experiência/sentido para pensar sobre o curso de pedagogia da UFPE, que outras palavras pronunciadas até agora não puderam? *“Que até agora não puderam? Puderam sim (risos). Porque eu sou um ser anormal, eu nunca me intimidei*

com esse negócio de todo mundo falar: foi o sistema. Ah! isso não pode... Eu acho que mesmo sem ter uma noção exata dessa experiência de Larrosa, eu sempre me permiti poder fazer as coisas. Uma pergunta difícil, mas assim... mexe com muitas coisas... (risos) me dá vontade de usar Manuel de Barros, que o silêncio fala (minutos de silêncio).”

Gabriela narra um pouco sobre a sua concepção de sujeito da formação, da educação e da experiência, como lhe soam essas palavras e que sentido ou sem-sentido fazem. Sempre se colocando nas falas de forma otimista, relembra momentos de constantes transformações em sua vida pessoal e acadêmica: *“Tem uma coisa aqui (não posso ser tão prepotente assim), mas que eu uso muito, a questão do sem-sentido, do sentido, a palavra sentido pra mim sempre esteve presente... acho que é como se eu tivesse aprendido a respirar, depois que tivesse conhecido um pouco dessa coisa da experiência, o que é essa coisa que eu não sabia, mas que sempre me inquietava positiva ou negativamente, mas que sempre me tirava do lugar... Depois que você passa pela experiência, de fato, você é como um rio, não é o mesmo... Engraçado esse negócio do sujeito da experiência, não tem como você ser o sujeito da experiência sem ter vivido de fato a experiência, sem ter dado sentido a essa experiência.”*

Sobre as experiências inibidoras e potencializadoras, abriu o coração e nos contou sobre momentos conflituosos que viveu durante o curso, e como essas experiências permitiram o florescimento de novos pensamentos, não permitindo que o sistema a corrompesse: *“Talvez não tanto comigo, que eu sempre dei muito minha cara a tapa, mas já estive em situações do professor menosprezar o conhecimento do aluno. Uma vez, um professor (riso tímido) passou um relatório sobre o que tínhamos desenvolvido durante a disciplina. O que a gente desenvolveu na disciplina? Atividades sem o menor sentido! Na entrega do relatório, tava eu e uma boa parte dos colegas e ele me perguntou (acho que me achou com cara de sincera) perguntou pra mim, logo pra mim: Como foi fazer esse trabalho? Eu disse: esse trabalho foi inútil, não acrescentou em nada na minha formação. A turma: Meu Deus menina, tu é louca! Assim... acho que essas experiências inibidoras aqui, mais fortes, são em relação, pelo menos as que vivenciei, entre professor e aluno, questão de poder e tal. Isso foi uma situação nítida do poder do professor. Pra mim pouco importava, mas pra turma toda, praticamente, inibia... E as pessoas não falam, não se posicionam, têm medo de vivenciar as coisas, de seguir o que estão pensando, simplesmente por causa de professor, de uma nota... É por que eu não consigo muito separar essa coisa de experiências que me inibiram, que me potencializaram, acho que são momentos que eu não consigo separar muito bem essas experiências, porque ao mesmo tempo que algumas experiências talvez pudessem vir a me inibir, ao mesmo tempo elas me potencializam. Vivenciar o curso foi um experiência, não foi simplesmente uma vivência... A própria rotina, professores marcantes, que nos elevam ou que nos fazem dizer assim: eu não quero ser igual a você e que bom que não sou igual a você e que bom que você apareceu na minha vida, porque eu posso conhecer uma coisa que eu não quero ser... E com isso de eu não quero ser, eu vivenciei uma disciplina inteira de eu não quero ser, eu não quero estar nessa disciplina... E ao mesmo tempo que eu não queria estar nessa disciplina, eu queria estar nessa disciplina porque ela me incomodava e me fazia escrever. E é uma coisa que eu*

sempre gostei, ela me fez escrever uma poesia. Aí eu disse: eu vou ler no último dia de aula... Porque não é sempre no último dia de aula? Ah! vamos para o que ficou e o que podemos melhorar... Isso era pra ser feito no início, durante e no final, não é só pra avaliar no final do processo, assim pei puff. Foi uma coisa que poderia ter me inibido e que por certo tempo até inibiu, mas que me potencializou... Eu olho agora, toda e qualquer pessoa que se relaciona comigo, com responsabilidade, isso eu falo muito no sentido de uma sala de aula, por exemplo, eu não posso ignorar o meu aluno, achar que ele é simplesmente mais um, ele é um, porque ele é ele. Tudo que eu faço agora, eu penso muito, na questão dos sentidos, porque nós produzimos sentidos a todo e a qualquer momento. Eu hoje consigo parar para respirar, parar para escutar, no começo do curso eu não tinha isso muito desenvolvido porque eu era agarrada muito naquilo que eu acreditava, mas eu não posso me fechar na minha bolha, eu tenho que aprender a conviver com as pessoas, com os vários sentidos, com as histórias de vida... Hoje eu realmente acho que eu continuo sem saber de nada... porque a gente se faz e se refaz todo momento... Hoje sou muito mais de silêncio, não no sentido de omissão, mas no sentido de me permitir parar pra sentir, pensar e viver as coisas e não simplesmente passar por elas.”

Rita Baiana

“...cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.”

(Jorge Larrosa Bondía)

Rita Baiana possui 22 anos, reside em Paulista, cursou o ensino fundamental II e ensino médio numa escola pública de referência no Recife. Ingressou na Universidade com 16 anos, concluindo o curso de Pedagogia em 2014.2, sempre no turno matutino, dedicando-se em tempo integral aos estudos e pesquisas. Escolheu cursar pedagogia porque sempre teve pré-disposição para a área de educação. Pensou em cursar arquitetura, por influência do pai, que é engenheiro e fazia vários reforços positivos na tentativa de fazer a filha mudar de ideia e migrar para a área de exatas. Mas a influência da mãe de Rita Baiana, que sempre trabalhou com educação, falou muito mais alto, mesmo a mãe não opinando sobre o seu futuro profissional. Mas, a sua postura, o modo de se relacionar com as crianças e o valor que dava à educação pesou muito na decisão de Rita Baiana pela Pedagogia.

Rita se mostrou totalmente disponível para responder as nossas questões e em nenhum momento sentiu-se retraída, muito pelo contrário. Sentiu-se lisonjeada e confessou que sempre sonhou com um momento como este, onde ela pudesse expor, de maneira livre, sem as regras impostas pela academia, as suas impressões, experiências e medos durante o curso, além das angústias e dúvidas sobre seu futuro pós-universidade. Pensando sobre o curso de Pedagogia na perspectiva que considera o par experiência-sentido “... *Eu lembro, nitidamente, qual foi meu primeiro contato com essa outra lógica de pensar a educação... foi a partir de uma sugestão da professora X, para a leitura de “Notas sobre experiência”*

de Larrosa e a partir disso, comecei a rever algumas coisas em mim que até então nunca tinha parado pra pensar. Era tudo muito cômodo, reclamar de professor, porque não tem técnica, não é dinâmico... Mas nunca parei pra pensar: E a história de vida desse professor? Também temos que parar pra ouvir o outro lado, que é uma coisa que a gente não tem no nosso curso e eu senti na disciplina X, que me fez refletir não apenas sobre minha formação acadêmica, mas na minha formação de vida, que ultrapassa os muros da universidade. Sempre tive dificuldade de chegar na universidade por morar distante, no mínimo 2 horas daqui, e pegar transportes lotados. A saída de casa até aqui já era um currículo, eu lembro que eu aprendi isso na disciplina de Teoria Curricular (risos), que tudo que tá envolvido no processo educacional faz parte do currículo educacional... Eu me sentia extremamente violentada quando vinha pra cá... Eram muitos percalços pra chegar aqui, aí quando você entra na universidade? Lama! Ali no portão? Lama, muita lama, dias chuvosos, eu chegava suja. Tudo isso reverbera na sua formação e no que você entende de formação, você é desvalorizado no seu processo formativo e isso é uma violência pra o aluno de Pedagogia. Quero deixar registrado aqui, que isso fez parte da minha formação e fez parte de muitas formações aqui e que não é dito e essa é uma oportunidade de dizer, que isso influenciou muito no que eu entendia por formação. Só que 90% das pessoas do curso de pedagogia não entendem formação dessa forma, mas sim como período restrito, com textos, provas e professores chatos, não cria vínculos, não cria laços, não permite que pessoas lhe afetem. Não é afetar de: Ai! Que professora lindinha! Não. É deixar se transpassar pela postura. Tem professores que não precisam nem falar... a presença dele já diz muito. Tiveram professores aqui no CE que me falaram muito, me afetaram e eu deixei ser afetada né, porque tem pessoas que não se deixam afetar... Quando vocês falam: “usar o par experiência-sentido como uma lupa” eu achei interessante porque, quando você usa uma lupa, esta lupa está ampliando algo, dando uma distorção, então já indica que nunca aquilo que você ver, vai ser aquilo que de fato é. Então a formação no curso de pedagogia, enquanto processo formativo, nunca vai ser aquilo que a gente vai tá vendo, porque a gente sempre vai olhar de um ponto de vista... Então essas lupas são várias, só que durante o curso de pedagogia a gente aprende que só existe uma lupa pra enxergar e que não há outra possibilidade, essa lupa tem que ficar grudada na sua mão, você só é pedagogo se você tiver com essa lupa na mão. Se você for inventar de colocar um óculos, uma lente de contato, não é válido... Quando você tenta enxergar de outra forma: Não! Você tem deficiência visual! Você não consegue enxergar como a gente que tem a lupa na mão... É como se a educação por ela mesma existisse, como se as pessoas que estão envolvidas ali, as histórias de vida, não fizessem parte da educação e da experiência. Então pensar a educação considerando o par experiência-sentido nos diz que a gente tá saindo daquele lugar comum, da lógica positivista, só $2+2=4$, aquela coisinha bem fechadinha e que outras formas de pensar são ilusão. Tudo que não é racional é fictício, então você não pode pensar com sua subjetividade, afetos, sensibilidade. Sua história de vida, tudo aquilo que não é racional, deixa lá fora, aqui dentro você vai aprender as teorias... Os sentidos que a gente dá a formação parecem que se tornam invisíveis aqui dentro, nas falas de muitos professores, não vou generalizar, mas... a gente se sente tão branco... Então é muito deprimente... Esse respeito à história de

vida do outro, que eu acho que aqui não tem muito né... Eu entendo que palavra aqui não é palavra apenas pronunciável, ditas no silêncio, mas posturas, ambientes, porque quando eu vinha da minha casa pra cá, eu vinha carregada de palavras, a violência que eu sofria, como eu me sentia... Chegar agoniada, sentar na cadeira dura e ficar 4 horas sentada, vendo aquelas paredes e o professor falando e você só ouvindo. Eu lembro que uma vez na aula Processos Interativos, a gente tava numa roda e no final da atividade a gente tinha que comentar... Quase todo mundo tinha falado e eu tinha ficado calada, porque eu tinha sido muito mexida, tava difícil falar... Eu tava de cabeça baixa e senti aqueles olhares sobre mim, quando levanto a cabeça: tava todo mundo olhando pra mim esperando que eu falasse. Todo mundo esperando uma fala? Porque? Por que a gente já é acostumado que todos tem que opinar, porque a fala é como se fosse o poder. Mas quando me vi ali, todo mundo olhando pra mim, me senti tão violentada... Eu me senti tão coagida pelas pessoas, que eu falei. No final da aula, eu me senti tão mal... “Porque eu tinha falado algo que eu não queria falar e esse falar que eu digo, não é falar apenas falar, mas expor um sentimento que eu não queria e por vezes eu me senti assim no curso de pedagogia.”

Severino

“...queríamos que os novos pudessem viver uma vida digna, um tempo digno, um mundo em que não dê vergonha de viver.”

(Jorge Larrosa Bondía)

Severino tem 46 anos, morador de Serra Talhada, estudou a Educação Básica em Belo Horizonte e em Recife tanto na rede pública, quanto na rede privada. Sua primeira graduação foi Administração na UFPE. Iniciou o curso de Direito na Universidade Católica, mas não concluiu. Atualmente é professor de Inglês e Espanhol. Concluiu o curso de Pedagogia no semestre 2014.1 e frequentou essencialmente a turma no turno da manhã. Decidiu entrar no curso de Pedagogia, mesmo depois de muitos anos, por ser professor de línguas estrangeiras e pensar que o curso era voltado muito mais para a metodologia e prática de sala de aula.

Pedimos a Severino que falasse sobre o curso de Pedagogia segundo a perspectiva do par experiência-sentido, com bastante pontualidade, objetividade e sem “arrudeios” ele inicia uma conversa divertida com tons de criticidade: *“Bem interessante essa colocação porquê de fato a gente começa a ver a educação de outra maneira. O curso de pedagogia eu achei ele um curso muito político e necessariamente político e ele foi um curso político e desnecessariamente político, essa coisa da experiência como Larrosa coloca, essa experiência você percebe que ela é necessária e como experiência é claro que ela não vai tocar a todos, então o curso de pedagogia pra mim ele foi um curso nobre, é que por conta de tratar assuntos com uma profundidade tal, com um tom sério, sisudo, tal, com essa relevância política, ele dá realmente uma base intelectual a que se propõe... Eu acho que o curso tem essa coisa da experiência-sentido que realmente mostra pra gente a educação de outra forma, mas ele comete muito excessos, eu acho que ele tem um conflito existencial, o próprio curso ele carece de*

uma identidade mais própria. E você percebe isso, não só na sala de aula, pelos corredores, entre os professores, você percebe que há realmente um clima que muitas vezes ultrapassa algo que deveria ser tão bonito, tão estético, tão interessante quanto à educação em si, esse processo educativo em si e às vezes eu acho que ele (o curso) violenta, nessa coisa da experiência e do sentido... ”

Diante da relação experiência e formação, Severino faz a seguinte reflexão com bastante expressividade *“Essa questão é bem interessante porque é o que a gente vê no processo escolar, no processo da educação e, particularmente, no processo escolar, é a educação que forma, a gente vê isso aí acontecer na gente, porque às vezes a gente sente na carne algo que a gente tá sendo preparado e faz realmente a gente pensar muito no que a gente não deve ser, não deve fazer. Eu acho que a educação do jeito que se discute aqui (Centro de Educação) ela talvez mostre mais o que a gente não deva ser. É muito interessante a gente ser formado para o que não deve ser e a gente espera outra coisa da formação, a gente espera uma ideia de completude e na própria formação, pelo menos, teoricamente, o que mais se prega é que o ser humano não deve se sentir completo, ele deve se sentir inacabado, então que formação é essa que descomplementa o sujeito, mas ao mesmo tempo a gente vê que é uma quebra muito importante, para que a gente realmente possa buscar outros caminhos, para que a gente possa buscar essa expansão pessoal,... o chato é que a gente aprende isso com pessoas que deviam dar um exemplo melhorzinho, mas eu não digo a maioria não, há pessoas muito interessantes aqui, mas boa parte dos professores me ensinaram a como não fazer... Eu posso dizer que o curso me formou, me descompletando, me formou me desequilibrando.*

Buscamos detalhes sobre as experiências potencializadoras e inibidoras vividas por Severino e ele, de forma bastante madura, não sente dificuldade de expô-las, volta no tempo e relembra sua trajetória para contextualizar e nos situar sobre a sua resposta que diz: *“Sim, houve muitas, dessas experiências. Pode parecer pretensioso dizer que nunca me senti inibido, acho que não,muitas vezes eu me senti infantilizado, acho mais que inibido, me senti infantilizado por professores que cobravam a frequência de uma forma muito assim... Passando pelos cursos de administração, que é um curso bem careta, bem burguês, bem pragmático e passando pelo curso de Direito que nem se fala, encontrei uma exigência talvez desnecessária aqui no curso de pedagogia e vi coisas assim...beirarem algo que ultrapassam os limites ético, qualquer noção de beleza também que a gente tem com a educação... As experiências potencializadoras houve também, houve aqueles professores e eu fiz questão de todo final de semestre dizer a aqueles professores o quanto eles me ensinaram, de forma teórica e de forma prática, infelizmente não foi a maioria, mas houve bons professores em que eu aprendi a o que fazer e como fazer, o que fazer através dos textos que eles indicavam, tem pessoas que marcaram muito e fizeram a diferença, como é no caso de uma professora, que foi minha orientadora e ela me apresentou Bourdieu, em uma época que eu tava querendo Bourdieu e quando ela apresentou Bourdieu eu fiquei louco, eu discutia com ela a teoria de Bourdieu eu não queria aceitar, porque assim, me dava medo, esse negócio é muito...e de repente eu me tornei um leitor de Bourdieu e entrei em subjetividades por conta dessa questão. Ao mesmo tempo a própria identidade do curso se conflituava muito com a identidade*

das pessoas que buscam o curso, então nem todo mundo tá preparado pra o que tá querendo de fato viver essa experiência.”

Nossas impressões ‘quase digitais’

“A experiência é o que nos acontece, não o que acontece, mas sim o que nos acontece. Mesmo que tenha a ver com a ação, mesmo que às vezes aconteça na ação, não se faz experiência, mas sim se sofre, não é intencional, não está do lado da ação e sim do lado da paixão.”

(Jorge Larrosa Bondía)

Marcella

Eu, Marcella, não escreverei aqui de forma impessoal. Escreverei aqui, sim, em primeira pessoa, as minhas impressões (quase digitais) sobre o que mais me tocou, me incomodou e me tirou do lugar a partir das narrativas dos sujeitos entrevistados.

Enveredar pelo novo, pelo aberto, pelo incerto e pelo duvidoso durante o desenvolvimento do trabalho, por vezes foi amedrontador para mim. Mas ao escutar as diversas linguagens trazidas nas falas dos sujeitos entrevistados e deparar-me com histórias de vida e experiências vividas dentro do Centro de Educação, comecei a enxergar as respostas para as minhas perguntas, encontrando a melhor forma de expressar os objetivos do nosso trabalho. Pude perceber, no decorrer das narrativas, na fala dos sujeitos, que as experiências mesmo sendo únicas, singulares e intransferíveis, fizeram-me lembrar das minhas experiências que estavam bem guardadinhas, num passado não tão distante. E aquilo que lá atrás tinha um sentido ou era sem-sentido pra mim, a partir da linguagem e da palavra do outro produziu um novo sentido e me fez refletir, significando e resignificando a todo tempo a minha formação, desde o início do curso até este o momento que vos escrevo.

O momento de escuta das narrativas é um momento muito marcante, pois afinou a minha audição, me fez sensível à fala disponível, apaixonada e exposta do outro. Agora, um turbilhão de palavras me vem à mente e os mais diversos sentimentos afloram em mim, e como assim somos feitos, por palavras, e usando as minhas palavras, com a paixão despertada aqui, humildemente, destacarei o que mais me tocou e incomodou.

O curso de Pedagogia da UFPE, sendo visto a partir do par experiência/sentido, considerando todas as suas práticas, não cabe nessa visão, pois valoriza muito mais as teorias, os métodos engessados, tratando o ensino com conceitos prontos e fechados. Salvo apenas por alguns poucos professores que consideram aquilo que nos toca, que nos tira do lugar, seja na academia ou na vida cotidiana, como algo que nos forma e nos transforma, aproveitando isso como fonte de conhecimento também.

Diante de minhas experiências e das narrativas expostas, penso que não apenas aspectos acadêmicos devem ser levados em consideração na vida do aluno, mas também as relações com tudo o

que o cerca, principalmente com pessoas, pois essas relações me afetam, me formam e me transformam no que sou hoje.

A fala de alguns sujeitos me fizeram lembrar o meu cotidiano, bastante corrido, enquanto trabalhadora e estudante do curso noturno de pedagogia da UFPE. Devido ao sistema que vivemos hoje, me incomodava o pouco tempo para a leitura dos textos propostos nas diversas disciplinas, que muitas vezes, dificultam o aprofundamento dos conteúdos e a cobrança e o desinteresse pela trajetória pessoal dos alunos, por parte dos professores, impossibilita a real experiência, com métodos que não propiciam o novo, o aberto.

Percebi que alguns dos entrevistados sentiram dificuldade em externar as suas experiências inibidoras, talvez por sentir dificuldade em remexer num passado triste, que faz silenciar. Os estudantes muito tímidos, assim como eu, que não gostam de falar em público e preferem ser passivos, mas não omissos, por vezes, sentem-se forçados a dizer palavras que não querem dizer, a fabricar uma opinião que não existe, sentindo-se extremamente violentados com situações deste tipo. Em contraponto, é muito curioso que as experiências potencializadoras que mais foram citadas, a priori eram experiências inibidoras e no transcurso do tempo se transformaram em potencializadoras e têm grande relação com os professores também, mesmo aqueles que nunca disseram uma palavra sequer, mas que deixam o aluno motivado a continuar, apenas pela sua conduta em sala de aula.

Uma fala que me chamou muita atenção foi a de Iracema, quando ela repensa sobre o sujeito da formação e afirma que o sujeito da formação não é o sujeito da educação ou o sujeito da aprendizagem e sim o sujeito da experiência. Aquele que não é apenas receptor de informações, mas aquele que a partir das informações que recebe, sente-se transformado, dando sentido à sua formação e que para isso é preciso se expor ao novo, deixar tocar-se. Assim como em Larrosa,

“O sujeito da experiência é um sujeito ‘ex-posto’. Por isso é incapaz de experiência aquele se se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ‘ex-põe’. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.” (2002, p. 25)

Me senti tocada e bastante incomodada quando os entrevistados contaram sobre suas experiências inibidoras dentro da universidade e foi impossível não lembrar da minhas. Principalmente nos momentos em que eles contam que se sentiram infantilizados, realizando atividades apenas com o objetivo de criar uma nota e sendo avaliados apenas no final da disciplina, quando já não se tem tempo hábil para realizar mudanças positivas para a turma. Situações como estas despertam em mim uma grande preocupação quanto a certos comportamentos docentes, que reprimem os estudantes. Toda esta discussão me faz refletir sobre o tipo de professores que estão sendo formados. Sujeitos dotados de grande cultura acadêmica, mas engessados, rígidos e formais demais. Precisamos sim, de uma educação séria, mas também agradável.

Não posso deixar de ressaltar a fala de Rita, que me tirou do lugar e me fez refletir de um modo diferente sobre tudo que vivi durante a minha graduação, quando ela nos conta, com indignação, sobre

os vários tipos de violência que sofreu durante todo o curso, desde a saída de sua residência, até sentar na cadeira dura da sala de aula. E quando pensava que ao sentar-se na cadeira cessariam as violências, Rita Baiana se enganava, pois como apontamos anteriormente, as violências simbólicas continuam entre as quatro paredes da sala de aula, na fala de um professor, nos métodos engessados de ensino, atividades desconexas, compondo o currículo oculto que forma e *des-forma e de-forma* continuamente o aluno.

Destacando que a experiência, de fato, nem sempre tocará a todos da mesma forma, pois segundo Larrosa a experiência é singular, “a lógica dessa experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade” (2002, p.28). Contudo, pude perceber e refletir que tudo que me acontece, inclusive as violências simbólicas, fazem parte do currículo educacional e que essas experiências me ajudam a pensar a educação de um modo diferente hoje, considerando o par experiência-sentido no campo pedagógico, levando em consideração a história de vida das pessoas, o que está dando um novo sentido à minha formação acadêmica e pessoal.

Aline

É queridos, aqui estão as minhas impressões (quase digitais). Elas são minhas e por serem minhas fazem parte da minha existência, da minha vida, minhas experiências. Ver cada um desses sujeitos da experiência, tão perto de mim, poder tocá-los, ouvi-los, olhar cada expressão ao emitir as palavras mais lindas ou mais perversas, que viveram o que eu vivi, em termos gerais, porque foram sentidos de formas tão diferentes um dos outros, com reações tão próprias de cada personalidade... Isso me faz refletir sobre algumas posturas que eu tive ao passar por momentos semelhantes e penso: - porque não fui tão corajosa como Gabriela? Porque não consigo atingir os níveis de reflexões conceituais de Riobaldo? Porque me sinto tão violentada quanto Rita Baiana e muitos dos meus professores não enxergaram isso? E chego a uma de muitas e tantas respostas que poderia pensar, minhas experiências inibidoras me paralisaram ao ponto de tentar me encaixar no único formato que me foi apresentado pela Universidade, que por medo de “errar” faço exatamente como foi solicitado, nem mais, nem menos.

Sinceramente, as entrevistas que fizemos resultaram em narrativas carregadas daquilo que são nossos entrevistados, cada fala, cada risada, cada silêncio, cada expressão e em nome de um formato temos que cortar, recortar de forma brusca e violenta as falas, as risadas, as palavras, expressões e até o silêncio. Foi a única parte difícil, digo melhor, a mais difícil dessa pesquisa.

Por falar de sentimentos, a sensação que tenho é que muitos professores que foram relatados nas narrativas, não se preocupam em “possibilitar” conhecimentos, como nos fala Riobaldo. Conhecimentos que de fato fazem sentido para nós alunos e nessa busca pelo “saber” ou algo que traga sentido a sua formação é que as experiências inibidoras transformam-se em experiências potencializadoras, para alguns, para outros paralisam e de fato inibem a ponto de negarem o que são ou simplesmente nem notam o quanto foram menosprezados. Esse último caso fica evidente na fala de Iracema ao amenizar as experiências inibidoras que vivenciou e até mesmo optar em não dizê-las.

Outra coisa que me chama a atenção é a realidade que as narrativas viabilizam no que diz respeito ao excesso de opinião, à falta de tempo e o excesso de trabalho e que isso acontece com outras pessoas. Que bom que não é apenas comigo! E por vezes, professores e alunos que enxergam a educação a partir da ciência e técnica, teoria e prática, encaram com estranhamento profundo quando veem professores que pensam a educação a partir do par experiência-sentido, encaminhando disciplinas com apenas um ou dois textos base, por exemplo. Alunos que não entendem outros colegas, quando são tocados apenas pela postura do professor em sala de aula e, em contrapartida, reclamam da quantidade dos textos, quantidade de atividades avaliativas, posturas que rebaixam o aluno a um ser “sem conhecimento”. No final das contas, a impressão que nos foi revelada em grande parte das falas dos sujeitos é que sendo por textos ou por posturas, saem do curso de Pedagogia sabendo muito mais o que não querem ser, aprendem muito mais a como não fazer, isso pode soar estranho a quem está fora da dinâmica a qual vivenciamos como alunos, mas para mim, essa constatação apenas confirma o que já sentia na pele, pois ouvia muito uma amiga de turma dizer *“você passa pelo curso, mas o curso não passa por você”*.

Ainda sobre o excesso de trabalho e principalmente sobre o excesso de opinião, uma pergunta que sempre esteve em minha mente, tornou-se ainda mais patente analisando as falas dos sujeitos entrevistados: Que destinos tomam todas as produções que fiz até hoje, ensaios, relatórios de PPPs, artigos, sínteses de textos, planos de aula, resumos críticos? Já escrevemos muitas coisas, nossa turma, inclusive, já produziu documentários, e para que servem, onde estão agora? Para conceder a nota, apenas?

Mesmo sendo aquela estudante que “encerra” um texto com “Diante disso...” (seguindo regras de uma boa escrita), me permiti estudar um tema fluído como este, que mexe, que incomoda, e isso me deu outras possibilidades de pensar, de falar, de ouvir, de olhar, de sentir ou até mesmo ao contrário de não pensar, de não falar, de não ouvir, de não olhar e de não sentir.

5 Considerações Finais: *Mais sobre perplexidades que sobre certezas*

“Não queremos que nos compreendam, queremos que nos escutem, e somos capazes de oferecer, em troca, nossa capacidade para escutar o que talvez não compreendamos.”

(Jorge Larrosa Bondía)

Nossa pesquisa foi um aprendizado ímpar e queremos que ela contribua para o meio acadêmico, a fim de gerar reflexão diante das práticas educativas, práticas do cotidiano ao olhar o outro e ao olhar a si mesmo. Não apenas em relação ao Centro de Educação da UFPE, mas também a outros espaços escolares, não-escolares e qualquer espaço que venha a ser ocupado por você, por nós. Acreditamos que todas as reflexões que instigamos aqui, poderão ir além das paredes da universidade, afinal, nós somos os que circulamos nos corredores a todo tempo, nós somos os que saímos pelas portas, pegamos o

ônibus, carro, bicicleta ou até mesmo caminhamos até as nossas casas. E as paredes do CE? Continuam lá intactas, ao tempo, a quem passa e a quem as toca.

Fomos aprendendo, ao longo de nosso trabalho, a impossibilidade de comparar a experiência de um indivíduo com a de outro, mesmo que eles tenham vivenciado cenas pedagógicas comuns durante o curso de Pedagogia da UFPE, entendemos que compará-las se tornaria um exercício inviável, pois cada um adquire um sentido ímpar à sua formação, significando-a e resignificando-a a todo tempo. Pois

“[...] O saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em que encarna. [...] Ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. [...] A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida.” (BONDÍA, 2002, p. 27)

Por este motivo, optamos por não analisar as narrativas fazendo comparações entre elas. Porque aprendemos com Bondía que para podermos NOS falar, precisamos falar em nome próprio, com as próprias palavras, com as próprias ideias. Neste trabalho os atores foram livres para fazer um exercício de memória, lembrando e narrando (com bastante sentimento), sobre as experiências vividas em sua trajetória no curso de pedagogia no Centro de Educação. Entretanto, sentimos muito termos que fazer ajustes e cortes em suas falas, pois a quantidade de laudas permitidas para a apresentação deste trabalho não seria suficiente para colocarmos as narrativas integralmente. Apesar disso, o sentido do texto e a paixão, exalados em todas as falas, foram preservados a fim de respeitar a história de cada sujeito e a verdade das experiências relatadas.

Conhecer as experiências inibidoras e potencializadoras dos sujeitos foi surpreendente, porque mesmo sendo experiências que os fizeram passar por situações adversas, a não conformidade com o modelo ou regra possibilitaram com que os mesmos saíssem do lugar, transformando-as em momentos propícios para a reivindicação do que estava posto. Outros, sem força, cansados, inseguros, foram tomados pelos descasos a que foram expostos e vivenciam as experiências inibidoras com potência total. Em ambos os casos os sentidos gerados por tais experiências afetaram positivamente ou negativamente a vida acadêmica e pessoal dos alunos entrevistados, pois, em momento nenhum, essas “duas vidas” são separadas ao entrarmos pelas portas do Centro de Educação.

Por tudo isso, a reflexão a que nos propomos e o convite que fazemos aos leitores, depois de pensar um pouquinho (bem pouquinho) a educação e o curso de pedagogia a partir do par experiência/sentido, é: *o que podemos fazer com ele no campo pedagógico?*

Referências

- AGAMBEN, G. **INFÂNCIA E HISTÓRIA: DESTRUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA E ORIGEM DA HISTÓRIA**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. In: Tremores: Escritos Sobre Experiência. Jorge Larrosa. São Paulo, Autêntica. 2014.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **A EXPERIÊNCIA E SUAS LINGUAGENS**. In: Tremores: Escritos Sobre Experiência. Jorge Larrosa. São Paulo, Autêntica. 2014.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **LINGUAGEM E EDUCAÇÃO DEPOIS DE BABEL**. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **NOTAS SOBRE EXPERIÊNCIA E O SABER DE EXPERIÊNCIA**. Revista Brasileira de Educação [online], nº 19. 2002.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **UMA LINGUA PARA CONVERSAÇÃO**. In: Tremores: Escritos Sobre Experiência. Jorge Larrosa. São Paulo, Autêntica. 2014.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O QUE É EDUCAÇÃO**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- CARLESSO, Dariane; TOMAZETTI, Elisete Medianeira. **JOHN DEWEY E A EDUCAÇÃO COMO “RECONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA”**: UM POSSÍVEL DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA. Santa Maria, v. 34, n. 3, p. 573-590, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao> Acessado em 12 de julho de 2014.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.
- DEWEY, J. **Democracia e Educação**. 3. ed. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1959b. [Texto originalmente publicado em 1916].
- DUHART, Olga Grau. **NARRATIVAS E EXPERIÊNCIA**. In: BORBA, Siomara & KOHAN, Walter (orgs.). Filosofia, Aprendizagem e Experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 195 – 208.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. A pedagogia para além dos confrontos. **Pedagogo Brasil**. <http://pedagogobrasil.com.br/pedagogia/apedagogiaparaalem.htm>. Acessado em 27/01/2015.
- FREITAS, Alexandre Simão. **OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO SÉCULO XXI: COMPETÊNCIAS E SOLIDARIEDADE**. In: Formação Continuada de professores. (Orgs) Andrea Tereza Brito Ferreira, Eliana Borges Correia de Albuquerque, Telma Ferraz. 1 ed. 2 reimp. Belo Horizonte. Autêntica. 2007.
- FREITAS, L. C. de. Neotecnicismo e formação do educador. In: ALVES, N. (org.). Formação de professores: Pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. **LA ESENCIA DEL HABLA**. In: De camino al habla. Barcelona. Edicionaes del Scrbal. 1987.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MATOS, Olgária. **TEMPO SEM EXPERIÊNCIA**. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/integra-tempo-sem-experiencia-olgaria-matos>. Acesso em: 16 de maio de 2015.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **INTRODUÇÃO À PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS: A PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO**. São Paulo. Atlas. 1987